



Reconhecer e Combater a Distorção do Holocausto

**RECOMENDAÇÕES PARA
DECISORES e POLÍTICOS**

Primeira edição publicada em 2021 pela International Holocaust Remembrance Alliance (IHRA).

© 2021, IHRA

Esta publicação foi possível graças ao apoio financeiro do Ministério Federal dos Negócios Estrangeiros, Berlim.

Os pontos de vista, opiniões e posições enunciados nesta publicação não representam necessariamente a visão dos Países-Membros da IHRA.

Todos os direitos reservados. Os conteúdos desta publicação podem ser utilizados e copiados livremente para fins educativos e outros propósitos não lucrativos, desde que a sua reprodução refira os créditos da IHRA.



Ninguém tem o direito de negar ou desvalorizar o pior crime na história da humanidade – o Holocausto. O propósito da Task Force global para a distorção do Holocausto é o de combater as mentiras perigosas e a distorção dos factos sobre este tema. Temos de aprender com o nosso passado. Devemos isso a todas as vítimas e a todos os sobreviventes. Sabemos ao que o ódio e o discurso de ódio podem levar se demasiadas pessoas encolherem os ombros e virarem a cara. É dever de todos defender a democracia.

Heiko Maas, 2020



A memória tem a sua própria linguagem, a sua própria textura, a sua própria melodia secreta, a sua própria arqueologia e as suas próprias limitações; também pode ser ferida, roubada e envergonhada; mas cabe-nos resgatá-la, salvá-la da desvalorização, da banalização, e da vacuidade. Recordar significa emprestar uma dimensão ética a todas as iniciativas e aspirações.

Elie Wiesel, 2003

Contribuições

Esta publicação não teria sido possível sem as valiosas contribuições de Juliane Wetzel (Centro de Investigação do Antissemitismo, Alemanha / futura Presidente do Comité sobre Antissemitismo e Negação do Holocausto) e Robert Williams (Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos) / Presidente do Comité sobre Antissemitismo e Negação do Holocausto).

A publicação foi produzida pela IHRA com o apoio de peritos e delegados de vários Países-Membros, bem como de representantes das Organizações Internacionais Parceiras Permanentes da IHRA.

Agradecimentos especiais pelo seu apoio a Brigitte Bailer (Centro de Documentação da Resistência Austríaca, Áustria), Jurmet Huitema-de Waal (Fundação Anne Frank, Países Baixos), Robert Rozett (Instituto Internacional de Investigação do Holocausto, Yad Vashem, Israel), Kamilé Rupeikaitė-Mariniuk (Museu Judaico Estatal Vilna Gaon, Lituânia), Andrea Szőnyi (Fundação Shoah USC, Hungria), Christian Wee (Centro Falstad, Noruega), e Mark Weitzman (Centro Simon Wiesenthal, EUA).

O conteúdo foi desenvolvido ao longo de uma série de oficinas dinamizadas por peritos. Agradecimentos especiais pela respetiva participação e contribuições a Johanna Barasz (DILCRAH – Delegação Interministerial de Combate ao Racismo, Antissemitismo e Ódio contra a Comunidade LGBT, França), Ildikó Barna (Universidade Eötvös Loránd, Hungria), Zsanett Battinou (Museu Judaico da Grécia, Grécia), Werner Dreier (erinnern.at, Áustria), Karel Fracapane (UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), Eva Fried (Forúm da História Viva, Suécia), Daniel Gerson (Instituto de Estudos Judaicos, Universidade de Berna, Suíça), Annemiek Gringold-Martinot (Memorial Nacional do Holocausto Hollandsche Schouwburg, Países Baixos), Andrew Hollinger (Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, EUA), Jane Jacobs (Yad Vashem, Israel), Viktor Kundrák (OSCE – Organização para a Segurança e Cooperação na Europa/ODIHR – Gabinete das Instituições Democráticas e dos Direitos Humanos), Thomas Lutz (Fundação Topografia do Terror, Alemanha), Alex Maws (AJR – Associação dos Refugiados Judaicos, Reino Unido), Anna Mišková (Museu da

Cultura Romani, República Checa), Henri Nickels (Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia, Áustria), Zuzana Pavlovská (Museu Judaico de Praga, República Checa), Tracey Petersen (Programa de Divulgação do Holocausto das Nações Unidas, Iris Rosenberg (Yad Vashem, Israel), Otto Rühl (Helsingør Gymnasium, Dinamarca), Leon Saltiel (Congresso Mundial Judaico), Paweł Sawicki (Museu Estatal Auschwitz-Birkenau, Polónia), Robin Sclafani (CEJI – Contribuição Judaica para uma Europa Inclusiva, Bélgica), Simonetta Della Seta (Museu Nacional Italiano do Judaísmo, Itália), Tome Shekerdjiev (OSCE – Organização para a Segurança e Cooperação na Europa/ODIHR – Gabinete das Instituições Democráticas e dos Direitos Humanos), Miško Stanišić (Terraforming, Sérvia), Irena Šumi (Universidade de Lubljana, Eslovénia), Elisabeth Ungureanu (Instituto Nacional Elie Wiesel para o Estudo do Holocausto, Roménia), Mike Whine (Fundo de Segurança Comunitária, Reino Unido), e Gadi Luzzatto Voghera (Fundação e Centro de Documentação Judaica Contemporânea, Itália).

Agradecimentos especiais a Toby Axelrod pela edição desta publicação.

Calorosos agradecimentos também aos representantes da UNESCO, e em particular a Karel Fracapane.

Os membros do Conselho Consultivo responsáveis pelas orientações para a produção desta publicação são: Robert Williams (Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, EUA/ Presidente do Comité sobre Antissemitismo e Negação do Holocausto), Juliane Wetzel (Centro de Investigação do Antissemitismo, Alemanha/ futura Presidente do Comité sobre Antissemitismo e Negação do Holocausto), Michael Baier (Chefe da Delegação Austríaca da IHRA), Karina Häuslmeier (Chefe da Delegação Alemã da IHRA), Lennart Aldick (Secretário-Geral Adjunto da IHRA), e Kathrin Meyer (Secretária-Geral da IHRA).

O projeto é coordenado por Julana Bredtmann (*Program Officer*, Secretariado Permanente da IHRA).

Índice

PREFÁCIO DE HEIKO MAAS	8
-------------------------------	----------

PREFÁCIO DE JULIANE WETZEL AND ROBERT WILLIAMS	10
---	-----------

SOBRE A IHRA	13
---------------------	-----------

INTRODUÇÃO	14
-------------------	-----------

1. Porque devemos combater a Distorção do Holocausto?	15
2. O que é a Distorção do Holocausto?	17
3. Responder à Distorção do Holocausto	21
4. O que podem fazer os Decisores Políticos?	25

I. IDENTIFICAR E MONITORIZAR A DISTORÇÃO DO HOLOCAUSTO	28
---	-----------

1. Linhas Orientadoras para a Monitorização: Reconhecer a Distorção	30
2. Metodologias Transparentes: Foco na Distorção	32
3. Cooperação Nacional e Internacional: A Abordagem Sem Fronteiras	33

II. FORMAR PARA COMBATER A DISTORÇÃO 34

1. Financiamento sustentável para a formação: Manter-se na linha da frente38
2. O Que Ensinar: Os ABC's da Distorção40
3. A Quem Chegar: Líderes de Opinião e Mentores.....43

III. REFORÇAR AS INSTITUIÇÕES QUE TRABALHAM O HOLOCAUSTO: SALVAGUARDAR O REGISTO HISTÓRICO 45

1. Assegurar Apoio Sustentável: Apoiar as Instituições Que Defendem a História.....48
2. Encontrar Estruturas para Visitas de Grupo e Programas de Encontros: Preparação e Reunião de Informação50
3. Desenvolvimento Profissional: Capacitação de Guias51
4. Fortalecer a Cooperação Internacional: A Distorção Não Conhece Fronteiras52

IV. RECONHECER E RESPONDER À DISTORÇÃO ONLINE 53

V. RECURSOS ADICIONAIS 57

CARTAS E DEFINIÇÕES DE TRABALHO DA IHRA 60

- Declaração de Estocolmo60
- Declaração Ministerial 2020.....60
- Definição de Negação e Distorção do Holocausto60
- Definição de Antissemitismo60
- Definição de anticiganismo/discriminação anti-Roma60
- Carta Internacional dos Museus Memoriais60

Prefácio



Mais de 75 anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, as áreas da educação, memória e pesquisa do Holocausto atravessam tempos críticos. À medida que uma geração de sobreviventes do Holocausto infelizmente desaparece, temos ainda mais o dever de salvaguardar a memória, para garantir que a verdade sobre o Holocausto seja fortalecida para as gerações futuras. Temos a responsabilidade de combater a sua distorção.

A distorção do Holocausto corrói a nossa compreensão da verdade histórica. É um problema persistente que se aproveita de uma falta geral de sensibilização, um problema que não se detém nas fronteiras nacionais, nem se circunscreve apenas a países diretamente afetados pelo Holocausto. Exige que todos nós a combatamos, pois mina os valores que são fundamento da nossa ordem multilateral após a Segunda Guerra Mundial.

Tendo isto em mente, a Presidência Alemã da Aliança Internacional para a Memória do Holocausto (IHRA) criou, no início deste ano, uma *Taskforce* Global Contra a Distorção do Holocausto. Desde a sua criação, a *Taskforce* Global reconheceu que a cooperação entre governos e com especialistas, sociedade civil e organizações internacionais, é crucial para enfrentar este fenómeno. Para concretizar este objetivo, a *Taskforce* Global recorreu ao espírito internacional e cooperativo da IHRA.

As Recomendações são um produto de frutuosas interações resultantes deste fórum. Procuram definir a distorção do Holocausto, recomendando práticas para a identificação e a monitorização das distorções e ainda para o fortalecimento das instituições, abordando a questão da distorção nas redes sociais. Gostaria de agradecer a todos os especialistas e delegados envolvidos pela sua paixão, dedicação e conhecimento, que tornaram possível este projeto. A nossa cooperação com a UNESCO, com quem este volume é publicado em parceria, é mais uma evidência deste espírito.

Inúmeras instituições, em todos os Países-Membros da IHRA e outros, já trabalham incansavelmente para preservar a exatidão da história do Holocausto e combater as tendências negacionistas e a distorção nas suas comunidades. É com este mesmo empenho que os governos, os responsáveis e os decisores políticos devem agora abordar o problema da distorção do Holocausto, envolvendo toda a sociedade no processo. Com os compromissos enunciados na Declaração Ministerial da IHRA de 2020, os Países-Membros da IHRA aceitaram oficialmente a responsabilidade de trabalhar em conjunto para combater a distorção do Holocausto, sublinhando os danos que causa aos princípios democráticos fundamentais. As Recomendações para Reconhecer e Combater a Distorção do Holocausto são uma contribuição útil para promover esse esforço. Que estas Recomendações sejam amplamente distribuídas e usadas.



Heiko Maas
Ministro Federal dos Negócios Estrangeiros
Alemanha

Prefácio

Em muitos aspetos, as tentativas de distorcer a realidade do Holocausto começaram em simultâneo com o genocídio dos judeus da Europa e do Norte da África levado a cabo pela Alemanha nazi e seus colaboradores.

Após 1945, a distorção do Holocausto, enquanto tal, não foi motivo de muita discussão. Só nas últimas décadas, o fenómeno da negação do Holocausto tem sido alvo de considerável atenção. Os perigos da negação direta do Holocausto levaram decisores políticos, investigadores e educadores a desenvolver uma série de respostas que incluíram esforços legislativos, maior divulgação na área da educação e apoio a museus e memoriais que preservam a informação e mantêm viva a memória do Holocausto e das atrocidades relacionadas. Esses esforços conduziram a uma série de desenvolvimentos significativos, mas os desafios permanecem.

Embora a negação ainda seja um problema significativo, a distorção do Holocausto tornou-se, em muitos aspectos, uma ameaça perniciosa. Afinal, a distorção do Holocausto não sugere necessariamente que este não ocorreu. A um nível mais básico, a distorção deturpa o Holocausto e a sua relevância. No entanto, a distorção é muito mais complexa do que isso e, como descrito nestas diretrizes, pode surgir de várias formas, incluindo as que podem parecer inocentes à primeira vista. A distorção é também um desafio internacional partilhado, na medida em que atravessa fronteiras culturais e nacionais. Esse desenvolvimento é ainda mais evidente devido ao surgimento de políticas pós-verdade e à proliferação do ódio *online*.

É manifestamente difícil determinar os motivos subjacentes à distorção do Holocausto. Esta surge devido a razões cínicas ou odiosas, ou por ignorância dos factos ou sensibilidades relacionadas com o Holocausto? Independentemente do motivo, desculpar ou fazer concessões à distorção corrói a nossa compreensão e o respeito pelo Holocausto, e é um insulto às memórias das vítimas e sobreviventes.

Este documento representa um passo importante na criação de respostas internacionais ao desafio da distorção do Holocausto. Assim como o trabalho da Aliança Internacional para a Memória do Holocausto (IHRA), estas diretrizes e a *Taskforce* Global Contra a Distorção do Holocausto são produto do diálogo e cooperação entre um grupo internacional e diversificado de especialistas, organizações parceiras da IHRA e decisores políticos. A *Taskforce* não teria sido possível sem o apoio da República Federal da Alemanha e da sua Presidência da IHRA. As áreas mais amplas da educação, memória e investigação do Holocausto têm para com a Alemanha uma considerável dívida de gratidão, pelo seu apoio incansável à procura contínua de soluções para sustentar o compromisso honesto com o Holocausto enquanto um assunto histórico que perdura nos dias de hoje. Finalmente, estas diretrizes são resultado de um trabalho que começou há gerações, quando os primeiros sobreviventes do Holocausto partilharam as suas experiências pessoais com o mundo. É nosso dever defender a memória das vítimas e sobreviventes. É por eles que devemos continuar a combater todas as tentativas de destruir, esquecer ou distorcer o passado.

Robert Williams, PhD (USA)

Juliane Wetzel, PhD (DE)

Presidente atual e futura Presidente

Comité sobre Antissemitismo e Negação do Holocausto da IHRA



Todos os Países-Membros da IHRA se comprometeram a “Desenvolver esforços para promover a educação, a memória e a investigação sobre o Holocausto e o genocídio dos Roma, para combater a influência da distorção histórica, do discurso de ódio e do incitamento à violência e ao ódio.”

Artigo 8º da Declaração Ministerial da IHRA 2020

Sobre a IHRA

Os eventos do Holocausto deixaram marcas na Humanidade e, na atualidade, o mundo ainda se confronta com o seu legado. A Aliança Internacional para a Memória do Holocausto (IHRA) identifica as questões pós-Holocausto mais urgentes em todo o globo, alertando especialistas e decisores políticos, e promovendo ações exequíveis que permitam enfrentá-las.

A IHRA solicita o contributo de diversas disciplinas e áreas geográficas e assegura que as suas recomendações tenham por base a investigação, a informação suportada por boas práticas e uma eficaz comunicação.

Como parte da sua estratégia, os especialistas e representantes políticos da IHRA concentram os seus esforços no combate à distorção do Holocausto e à salvaguarda do registo histórico. Isto só é possível através do desenvolvimento do trabalho em rede e da partilha de boas práticas, dando visibilidade e acessibilidade sobre as mesmas aos decisores políticos. Desta forma, a IHRA assegura a preservação da memória histórica com o objetivo de alicerçar as decisões políticas da atualidade.

A relação de cada país com o seu passado é distinta. No entanto, muitos países enfrentam desafios comuns no esforço para promover o ensino, a investigação e a memória do Holocausto. A IHRA proporciona um fórum crítico para que os Países-Membros partilhem as suas experiências nacionais e trabalhem em conjunto com os seus homólogos com vista ao desenvolvimento de boas práticas internacionais que também sejam adequadas aos contextos nacionais.

No seio da IHRA, um número superior a 300 especialistas e decisores políticos de mais de 40 países reúnem-se para discutir e desenvolver questões relacionadas com o Holocausto, que tenham relevância política na atualidade. Entre os delegados da IHRA encontram-se muitos dos maiores especialistas mundiais da temática do Holocausto. Cada uma das delegações nacionais da IHRA é liderada por um representante governamental sénior, habitualmente na alçada do Ministério dos Negócios Estrangeiros, do Ministério da Educação ou do Ministério da Cultura. Dessa cooperação resultou um acervo significativo de recursos, incluindo recomendações práticas, [materiais educativos](#), [definições de trabalho](#), [uma carta](#) e [publicações resultantes da investigação](#).

Introdução

- 1 Por que devemos combater a Distorção do Holocausto?
- 2 O que é a Distorção do Holocausto?
- 3 Responder à Distorção do Holocausto
- 4 O que podem fazer os decisores políticos?

1

Porque devemos combater a Distorção do Holocausto?

A Distorção do Holocausto é uma ameaça grave à memória do Holocausto e à existência de um mundo sem genocídio.

Referências ao Holocausto que descaracterizam e distorcem a sua história e relevância são um insulto às memórias e experiências das vítimas e dos sobreviventes. A Distorção do Holocausto compromete a nossa compreensão desta história e alimenta teorias da conspiração, formas perigosas de nacionalismo, de negação do Holocausto e de antissemitismo.

Com o compromisso de defender os princípios da Declaração de Estocolmo, os Países-Membros da IHRA têm estado na vanguarda do desenvolvimento e apoio à investigação, ao ensino e à preservação da memória do Holocausto. Nesse processo, a IHRA preocupa-se cada vez mais com a apropriação indevida do Holocausto e do seu legado, que mina a história e ameaça a coexistência social, política e cultural.

Ao longo da última década, a distorção do Holocausto intensificou-se. Manifesta-se de múltiplas formas que influenciam negativamente os esforços de combate ao ódio, e ameaçam a sustentabilidade a longo prazo da relevância do Holocausto como tema de reflexão comum. Por conseguinte, é essencial que os Países-Membros da IHRA alertem para a Distorção do Holocausto, sugerindo estratégias mais eficazes de identificação e de combate.

Os decisores políticos e os funcionários do governo no contexto da comunidade IHRA são parceiros fundamentais neste esforço. Compreender a Distorção do Holocausto em todas as suas formas concretas, nebulosas e subtis pode fortalecer a tomada esclarecida de decisões políticas em múltiplas frentes, da cultura à educação e à jurisprudência. No entanto, esta não é apenas responsabilidade dos governos e dos decisores políticos. É premente que os *media*, as redes sociais, a sociedade civil e as forças de segurança a nível local, nacional e internacional se tornem mais conscientes da necessidade de reforçar respostas a este problema crescente.

Estas diretrizes e recomendações refletem a missão da IHRA de promover o ensino, a memória e a investigação do Holocausto. Para cumprir esta missão, os seus Países-Membros promovem esforços internacionais para combater a negação do Holocausto e o antissemitismo.

A IHRA apresenta estas recomendações como um primeiro passo para responder e fortalecer a consciencialização da distorção do Holocausto.

2

O que é a Distorção do Holocausto?

A negação do Holocausto procura apagar a história do Holocausto com o propósito de legitimar o nazismo e o antissemitismo. A distorção do Holocausto é difícil de entender e de identificar.

A distorção do Holocausto reconhece aspetos do Holocausto como factuais. No entanto, desculpa, minimiza ou deturpa o Holocausto de muitas formas e por intermédio dos mais variados meios de comunicação.

A IHRA, na sua definição de trabalho de 2013 sobre negação e distorção do Holocausto, identificou inicialmente as seguintes formas de Distorção do Holocausto:

Esforços intencionais para justificar ou minimizar o impacto do Holocausto ou dos seus principais elementos, incluindo colaboradores e aliados da Alemanha nazi.

Por exemplo, afirmar que o Holocausto não é relevante para a história de uma nação porque foi perpetrado pela Alemanha nazi pode ser uma forma de distorção porque tal argumento a) ignora os papéis desempenhados por colaboradores locais ou membros do Eixo nos crimes do Holocausto e b) sugere que os legados do Holocausto não influenciaram as normas e as instituições internacionais do pós-guerra.

Minimização grosseira do número de vítimas do Holocausto em contradição com fontes fidedignas.

Uma forma de distorção do Holocausto é a afirmação de que o número de vítimas foi inferior em vários milhões ao número consensual de aproximadamente 6 milhões de judeus assassinados pelos nazis e os seus cúmplices. Nota: As estimativas

acadêmicas variam de 5,3 a 6,2 milhões de vítimas, sendo que 5,7 milhões é um número consensual para a maioria dos especialistas.

Tentativas de culpabilizar os judeus de causarem o seu próprio genocídio.

As formas de culpabilização das vítimas incluem a alegação de que as reações judaicas à ascensão do nazismo ou de que a participação individual de judeus em movimentos comunistas justificava a perseguição nazi aos judeus. Tais formas de distorção são historicamente imprecisas, diminuem o peso da culpa dos agressores e sugerem que o Holocausto era de alguma forma justificável.

Declarações que apresentam o Holocausto como um evento histórico positivo... [sugerindo que] este não foi suficientemente conseguido para que se alcançasse” a Solução Final da Questão Judaica”.

Por exemplo, a afirmação de que os nazis agiram em justa causa na sua tentativa de exterminar o povo judeu não é apenas uma reivindicação historicamente espúria; é também uma forma evidente de antissemitismo que procura justificar as atrocidades contínuas contra os judeus.

Tentativas de ofuscar a responsabilidade da Alemanha nazi pela criação de campos de concentração e de morte, culpabilizando outras nações ou grupos étnicos.

Esta forma de distorção transfere a culpa do Holocausto exclusivamente para os colaboradores locais, ignorando a responsabilidade da Alemanha nazi no genocídio.

Desde a adoção da Definição de Trabalho da IHRA de Negação e Distorção do Holocausto, surgiram formas adicionais de negação e de distorção do Holocausto, incluindo (mas não limitando) as seguintes:

Acusar os judeus de “usar” o Holocausto para algum tipo de benefício.

Afirmações que o povo judeu “usa” o Holocausto para obter vantagens financeiras ou para justificar o estabelecimento do Estado de Israel são tentativas antissemitas de sugerir que o povo judeu usou este evento para fins particulares ou nebulosos.

Uso do termo “Holocausto” para designar eventos ou conceitos que não estão relacionados de forma significativa com o genocídio dos judeus europeus e do Norte de África pela Alemanha nazi e pelos seus cúmplices entre 1941 e 1945.

Devido ao estatuto paradigmático do Holocausto, enquanto genocídio e ao seu estatuto simbólico como mal supremo, tornou-se habitual fazer comparações problemáticas entre o Holocausto e eventos contemporâneos não relacionados, indivíduos e outros genocídios ou atrocidades em massa. Comparações irresponsáveis podem distorcer a compreensão dos fenómenos contemporâneos e do Holocausto. Em suma, fazer comparações inadequadas degrada a compreensão das implicações e do significado do Holocausto.

Manipulação da história do Holocausto patrocinada pelo Estado, a fim de semear discórdia política dentro ou fora das fronteiras de uma nação.

Declarações estatais contra as ações de outros países durante o curso do Holocausto eram usuais na propaganda da Guerra Fria e perduraram até hoje. Tais declarações dão origem a respostas defensivas e põem em causa uma relação honesta com a História.

Banalizar ou honrar os legados históricos de pessoas ou organizações que pactuaram com os crimes do Holocausto.

As tentativas de estados e/ou municípios locais de gerar formas particulares de identidades nacionais são frequentemente acompanhadas de esforços para reabilitar a reputação de pessoas, organizações ou ideologias associadas aos crimes do período do Holocausto. Tais ações, não só distorcem a História, como também podem ser vistas como atos que glorificam a colaboração com os nazis, ou como um esforço para legitimar a ideologia nazi.

O uso de imagens e de linguagem – em fóruns *online* e *offline* – associados ao Holocausto, com objetivos políticos, ideológicos ou comerciais não relacionados com esse acontecimento.

Cada vez mais, a linguagem e as imagens associadas ao nazismo são usadas em variados contextos, particularmente *online*, na tentativa de difundir juízos de valor negativos ou de chamar a atenção do público. Ao usar excessivamente a palavra “Holocausto” ou termos associados, estes perdem a sua importância e o seu significado.

A distorção do Holocausto pode ser influenciada pela experiência de um país durante e após a Segunda Guerra Mundial: o que é um estado perpetrador? Foi ocupado pelos nazis ou por um país do Eixo? Era neutro ou um dos Aliados? Qual foi o seu papel durante a Guerra Fria e qual a sua posição política atual?

Em alguns países, a história do Holocausto pode ser manipulada para servir fins ideológicos e políticos. Os museus de História podem até envolver-se involuntariamente em atos de distorção, enquanto produtores de uma narrativa nacional. Por exemplo, algumas instituições podem estabelecer um paralelo entre os crimes nazi e os crimes do regime estalinista, através de processos que desvalorizam o Holocausto. Às vezes, essas ações promovem narrativas de sofrimento nacional, ou exaltam a reputação de heróis nacionais, alguns dos quais podem ter participado na perseguição aos judeus.

A distorção do Holocausto também pode surgir do desejo de obscurecer os papéis desempenhados nos crimes do Holocausto por instituições religiosas, partidos políticos, instituições de ensino e figuras proeminentes nas artes e ciências.

A distorção do Holocausto também pode resultar da comparação de crimes de atrocidades sem uma contextualização cuidadosa. Embora uma abordagem comparativa possa ser produtiva, estabelecer, de forma irrefletida, paralelos entre o Holocausto e outros crimes de atrocidade podem ocultar certos aspectos da história, fomentar a instrumentalização política, ou implicar ligações entre genocídios que diminuem ou banalizam o Holocausto.

Finalmente, alguma distorção do Holocausto resulta da falta de consciencialização. Ausência de conhecimento histórico ou falta de oportunidade de envolvimento em assuntos no seu âmbito podem levar à ignorância, a deturpações a falta de sensibilidade e a comentários desinformados e/ou comparações com o Holocausto.

Independentemente das motivações, todas as formas de distorção do Holocausto abrem caminho para que se legitimem formas mais perigosas de ódio: a Distorção pode minar a importância histórica e contemporânea desta tragédia sem precedentes e as lições que retiramos dela.

¹ Consulte materiais em IHRA Comité do Holocausto, Genocídio e Crimes Contra a Humanidade: <https://holocaustremembrance.com/what-we-do/focus-areas/holocaust-genocide-humanity>

3

Responder à Distorção do Holocausto

Os Países-Membros da IHRA comprometem-se a aderir aos princípios da Declaração de Estocolmo de 2000. Afirmam a necessidade de “defender a terrível verdade sobre o Holocausto” e de garantir que os seus cidadãos “possam compreender as causas do Holocausto e refletir sobre as suas consequências”.

Combater a distorção do Holocausto é essencial para atingir este objetivo e a IHRA dedica-se a identificar recursos e mecanismos que possam ajudar a minimizar a sua influência. Alguns exemplos de tais recursos podem ser encontrados no apêndice desta publicação.

Os documentos mais recentes da IHRA sobre a distorção do Holocausto incluem:

IHRA Definição de trabalho de Negação e Distorção do Holocausto (2013): <https://holocaustremembrance.com/resources/definicao-de-trabalho-de-negacao-e-distorcao-do-holocausto>

Comité para o Antissemitismo e Negação do Holocausto – Estudo sobre a negação e a distorção do Holocausto (2019): <https://holocaustremembrance.com/resources/working-definition-holocaust-denial-distortion>

Declaração da IHRA sobre Reabilitação (2020): <https://holocaustremembrance.com/statements/ihra-statement-on-rehabilitation>

Declaração ministerial IHRA 2020: <https://holocaustremembrance.com/news/ihra-2020-ministerial-declaration-brussels>

Tratando-se de contrariar a Distorção do Holocausto *online*, nos media ou presencialmente, os decisores políticos e os influenciadores de opinião devem basear-se em factos sobre: o Holocausto, os argumentos habituais daqueles que distorcem ativamente o Holocausto e as tendências emergentes. Necessitam de melhores recursos e de materiais direccionados para a identificação e a resposta à distorção do Holocausto, problematizando as formas e as alturas de interação com os que distorcem sem dar a entender que se legitimam as suas posições.

Será necessário trabalhar com os parceiros para desenvolver tais abordagens. A IHRA contribuirá com cenários concretos que expliquem manifestações de distorção do Holocausto, tais como:

Cenário 1

Um indivíduo, organização ou campanha pública compara um evento contemporâneo com o Holocausto.

Resposta: O Holocausto foi um crime singular do século XX. Embora por vezes seja comparado a outros fenómenos, paralelismos inadequados acabam por ser impeditivos da compreensão da sua especificidade. Além disso, o uso excessivo do termo “Holocausto” pode minar o respeito pela gravidade dos crimes que este representa. É necessário responder a tais declarações, ou seja, com contra narrativas baseadas em factos ou com campanhas educativas. Podem desenvolver-se estas respostas em cooperação com parceiros da sociedade civil, académicos e organizações de sobreviventes do Holocausto.

Cenário 2

Um indivíduo ou organização afirma que o foco no Holocausto diminui a consideração e o respeito por outros genocídios ou crimes contra a humanidade.

Resposta: Embora a maioria dos peritos concorde que o uso do termo “Holocausto” (ou “Shoah”) se relaciona especificamente com o assassinio em massa de cerca de 5,7 milhões de judeus europeus e do Norte de África pelos nazis e pelos seus cúmplices, não existem argumentos válidos que levem os investigadores, educadores ou o público em geral a concentrar o seu interesse apenas no Holocausto e não noutras atrocidades. Com efeito, houve muitas outras atrocidades lideradas pelos nazis que acompanharam o Holocausto, como por exemplo o genocídio dos Roma, e ainda uma série de genocídios, atrocidades em massa e crimes contra a humanidade que precederam e se seguiram ao Holocausto. É necessário manter a especificidade do Holocausto enquanto genocídio dos judeus, a fim de garantir que respeitamos a natureza específica desse crime e honramos a memória das vítimas. Por conseguinte, também é necessário compreender as características específicas de outros genocídios e atrocidades, a fim de construir e preservar uma compreensão idónea e respeitadora desses crimes. Para abordar as *nuances*, os decisores políticos devem incentivar não só o diálogo com investigadores locais ou internacionais do Holocausto, mas também com instituições direcionadas para esta temática, tais como museus, memoriais e lugares ligados ao Holocausto.

Cenário 3

Os currículos nacionais do Holocausto ou as cerimónias comemorativas exageram a ação dos salvadores ou focam-se exclusivamente nelas.

Resposta: Embora os salvadores devam ser honrados pela sua coragem e altruísmo, a ênfase excessiva nos salvamentos pode sugerir que estes eram habituais no Holocausto, quando na verdade eram raros. Além disso, o foco excessivo neste aspeto pode limitar as discussões sobre outras questões relacionadas com o Holocausto, tais como os papéis desempenhados por perpetradores, colaboradores, espectadores e ainda, claramente, as experiências das vítimas, dando lugar ao aparecimento de formas específicas de distorção. O trabalho com professores e com instituições que abordam a temática de diversas formas e sob perspetivas culturais, nacionais e internacionais pode levar a uma apresentação mais equilibrada e mais atenta a questões ligadas à complexidade histórica.

4

O que podem fazer os decisores políticos?

Estas orientações visam apoiar os decisores políticos, outros funcionários do governo e a sociedade civil na resposta à distorção do Holocausto em quatro áreas principais:

- identificação e localização do fenómeno;
- formação de decisores políticos pertencentes aos Ministérios da Cultura, da Educação, da Administração Interna, da Justiça e dos Negócios Estrangeiros; elementos da polícia e dos tribunais; representantes eleitos a nível nacional, regional e comunitário;
- trabalho na área da educação por instituições que abordam a história e a relevância do Holocausto (isto é, museus, memoriais e locais de perseguição);
- e formas de contrariar a propagação da distorção *online*.

Estas orientações dividem-se em quatro secções, as quais providenciam informação e recomendações. A secção final inclui uma lista de recursos adicionais.

As recomendações para estas quatro áreas têm muitos elementos em comum: dependem de financiamento sustentado, da transparência e, quando relevante, da cooperação internacional. Dependem da formação de profissionais e do desenvolvimento de novos métodos para acompanhar e monitorizar a distorção. Necessitam de uma ampla rede de especialistas e partilham o objetivo de aumentar o conhecimento sobre o Holocausto em vários níveis da sociedade. Tal requer não apenas formação, mas também esforços consistentes para proporcionar acesso a museus, memoriais, comemorações e outros elementos culturais que reforcem

a memória do Holocausto. São também necessários mais recursos e oportunidades para a investigação do Holocausto em universidades e outras instituições académicas, bem como a interação regular e incondicional dos governos com especialistas reconhecidos internacionalmente na identificação e na resposta à distorção do Holocausto.

Estas recomendações ajudarão os decisores políticos a reconhecer e a refrear a distorção do Holocausto. Irão também reforçar iniciativas relacionadas, tais como estratégias nacionais contra o antissemitismo, políticas educativas contra o discurso do ódio, e o trabalho de memoriais e museus.

Reconhecendo que a implementação de boas práticas pode receber influências de contextos regionais e nacionais, os Países-Membros da IHRA devem partilhar essas práticas.



Desenvolver Competências Profissionais



Promover a Cooperação e a Mudança



Desenvolver Ferramentas e Orientações



Assegurar o Financiamento Sustentável

I



Identificar e monitorizar a Distorção do Holocausto

Os governos e a sociedade civil, a fim de abordar o âmbito, a profundidade e os problemas associados à distorção do Holocausto, devem assegurar a identificação, a monitorização e o rastreamento sustentados das suas manifestações.

II



Programas de formação sobre a Distorção do Holocausto

Os governos, em cooperação com a sociedade civil, a fim aumentar a consciencialização e capacitar sobre a distorção do Holocausto, devem desenvolver e apoiar programas de formação sustentáveis para uma variedade de públicos.

III



Reforçar Memoriais e Museus

Estas instituições são bastiões cada vez mais importantes contra a distorção do Holocausto. Asseguram múltiplas formas de salvaguarda do registo histórico e necessitam de apoio para enfrentar os desafios colocados por aqueles que distorcem a verdade.

IV



Estratégias para as Redes Sociais

É necessário que as instituições centradas no Holocausto utilizem as redes sociais para consciencializar os utilizadores sobre a distorção do Holocausto. É necessária uma partilha internacional de boas práticas, assim como um maior apoio à implementação das redes sociais destas instituições.



Identificar e monitorizar a Distorção do Holocausto

Esta secção apresenta formas de monitorizar a distorção do Holocausto e avaliar a sua relevância, uma vez que são passos essenciais na resolução do problema. Para compreender as questões colocadas pela distorção, os governos e a sociedade civil devem reforçar a sua identificação, o controlo e o acompanhamento.

Os peritos concordam que a distorção do Holocausto se apresenta de diversas maneiras e pode influenciar outras formas de ódio. Aqueles que fazem a monitorização do discurso e dos crimes de ódio encontram regularmente distorções, mas os indicadores estatísticos atuais, incluindo aqueles cujo foco é o antissemitismo, são insuficientemente abrangentes. Para compreender a dimensão e o impacto da distorção precisamos de ferramentas para identificar e rastrear este fenómeno.

As estratégias de monitorização devem complementar e respeitar as normas e as boas práticas acordadas internacionalmente.

Recomenda-se que os decisores políticos:

1 Definam as linhas orientadoras para a monitorização.

Os decisores políticos devem trabalhar em parceria com estruturas relevantes, governamentais, intergovernamentais e da sociedade civil, no sentido de serem elaboradas orientações para os grupos que monitorizam o discurso e os crimes de ódio, e possam lidar adequadamente com distorções, de uma forma eficaz que respeite também os padrões universais para os direitos humanos, incluindo a liberdade de expressão.

2 Incentivem a utilização de metodologias transparentes de acompanhamento e de monitorização.

Os organismos de monitorização e as plataformas digitais devem utilizar abordagens transparentes que facilitem a partilha de dados, de modo a aumentar a responsabilização, respeitando simultaneamente o direito à privacidade. Isto deve incluir a comunicação de dados através de mecanismos formais e de enquadramento internacional, ou, no caso das plataformas digitais, da elaboração de relatórios de forma regular e transparente.

3 Reforcem a cooperação nacional e internacional.

Reconhecendo que o problema requer soluções globais, os decisores políticos e os intervenientes da sociedade civil devem dialogar cooperativamente, sempre que possível mediados por organizações multilaterais, como a Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE), a fim de desenvolver estratégias comuns.



**Desenvolver ferramentas
e orientações**

Orientações para a monitorização: Reconhecer a distorção

As orientações internacionais permitirão que os governos, organizações internacionais, sociedade civil, meios de comunicação social, verificadores de factos e plataformas *online* identifiquem e façam o rastreamento da distorção do Holocausto.

A distorção não é geralmente criminalizada. Os intervenientes judiciais devem saber, *a fortiori*, como distinguir entre discurso legal e ilegal, seguindo as normas internacionais para a liberdade de expressão.²

Os recursos da IHRA podem ajudar a compreender o problema, mas continuam a ser necessárias orientações internacionais que permitam apreender as várias manifestações de distorção do Holocausto. Os decisores políticos e os seus parceiros deverão envolver-se num diálogo sustentado entre as partes interessadas, com o objetivo de definir normas com base nas quais possam atuar para minimizar e combater a distorção.

² Ver o que se encontra estabelecido no *Pacto Internacional sobre os Direitos Civis e Políticos* (artigos 19.º e 20.º) e no *Plano de Ação de Rabat* sobre a proibição da defesa do ódio nacional, racial ou religioso que constitua incitamento à discriminação, à hostilidade ou à violência.

Parceiros e utilizadores das orientações de monitorização

Organismos internacionais, como por exemplo, a OSCE/ODIHR, a Agência dos Direitos Fundamentais ou o Conselho da Europa, responsáveis por monitorizar as manifestações de discurso de ódio/os crimes de ódio, ou a UNESCO, que tem um mandato sobre a liberdade de expressão e o combate ao discurso de ódio.

Agências nacionais responsáveis pela monitorização e comunicação de crimes de ódio/discurso de ódio.

ONGs e organizações da sociedade civil que recolhem informações sobre crimes de ódio/discurso de ódio e outras formas de discriminação.

2**Desenvolver competências
profissionais**

Metodologias transparentes: Focar na distorção

Para além da necessidade de ferramentas de identificação fáceis de utilizar, é necessário encontrar novas metodologias, transparentes, para rastrear a distorção nas comunidades, países e fronteiras internacionais, bem como nas plataformas de comunicação.

As ferramentas tecnológicas, por si só, continuam a ser insuficientes; as subtilezas inerentes à identificação da distorção do Holocausto, e à decisão sobre tomar medidas para a remover ou a desmobilizar, implicam muitas vezes a intervenção humana, e as políticas e as abordagens podem diferir de uma comunidade para outra. Por conseguinte, é necessário que as empresas responsáveis pelas redes sociais reforcem a sua colaboração com os governos e especialistas e conheçam melhor o assunto em questão, para serem capazes de explicar com mais eficácia as diferenças locais, regionais, nacionais e internacionais nas formas como a distorção do Holocausto aparece.



Cooperação nacional e internacional: A abordagem sem fronteiras

O acompanhamento da distorção do Holocausto deve ser uma parte permanente dos esforços para melhorar o conhecimento do Holocausto e combater o antissemitismo. Atualmente, nenhum organismo nacional ou internacional rastreia a distorção de forma sistemática, embora alguns monitorem fenômenos relacionados como a negação do Holocausto, o antissemitismo e o discurso de ódio. Em parte, esta falha pode ser atribuída aos desafios inerentes ao reconhecimento da distorção do Holocausto e dos perigos que lhe estão associados. Uma solução é a partilha de boas práticas entre os organismos nacionais e internacionais que já controlam formas de antissemitismo, bem como o desenvolvimento e utilização de instrumentos consistentes de monitorização da distorção.



Formar para Combater a Distorção

Esta secção aborda o desafio de intensificar a sensibilização dos decisores políticos e de outros profissionais para a distorção do Holocausto. Os governos a nível local, regional e nacional devem garantir o apoio aos programas de formação no reconhecimento e no combate à distorção. Sempre que possível, devem cooperar com organismos internacionais.

Devido às várias formas como a distorção do Holocausto pode surgir, os profissionais do governo e das forças de segurança precisam de ferramentas e de competências para a reconhecer e para lhe dar resposta. Os governos e as principais organizações internacionais – em cooperação com instituições centradas no Holocausto e parceiros da sociedade civil – devem desenvolver programas de formação sustentáveis para uma variedade de públicos.

Há uma sensação de urgência: pesquisas recentes indicam declínio significativo na compreensão/percepção do Holocausto e da História em geral. Este défice, por vezes chocante, justifica o aumento da distorção no que respeita a estes crimes, um fenómeno intimamente ligado ao antissemitismo.

Recomenda-se que os decisores políticos:

1 Desenvolvam o enquadramento do financiamento sustentável

Os governos devem assegurar o financiamento consistente da formação para reconhecer e responder a formas de distorção. Os decisores políticos devem defender o apoio financeiro a organizações especializadas no discurso de ódio, antissemitismo e questões relacionadas com o Holocausto, na sociedade civil, nos meios de comunicação social, e nas organizações internacionais e académicas.

2 Desenvolvam programas de formação orientados e sustentáveis

Os especialistas locais e internacionais devem colaborar com a IHRA e com organizações internacionais e nacionais relevantes, no sentido de conceber e implementar programas de formação sustentável para públicos específicos (incluindo líderes de opinião, representantes dos media, empresas da internet, entre outros) e/ou utilizar materiais existentes, quer em formações especializadas, quer em programas de formação completos.

3 Incentivem a participação na formação

Os Países-Membros da IHRA devem identificar os decisores políticos cujo trabalho beneficiaria de programas de formação orientados para o reconhecimento e resposta à distorção do Holocausto e encorajá-los a participar nos mesmos.

Um inquérito aplicado à Geração Milénio nos 50 estados dos EUA revelou...

Setembro de 2020: Um inquérito à Geração Milénio e à Geração Z nos 50 estados dos EUA durante a *Conference on Jewish Material Claims Against Germany* (Conferência de Reivindicações)

Um número significativo...

não sabe diferenciar um campo de concentração de um gueto e acredita que foram mortos dois milhões de judeus, ou menos.

Aproximadamente metade (49 por cento)...

afirma ter visto online publicações de negação ou distorção do Holocausto.

Uma “percentagem preocupante”...

acredita que os judeus causaram o Holocausto.

A Claims Conference Holocaust Knowledge and Awareness Survey of Austrian citizens (fev – março 2019) encontrou...

56% do total dos inquiridos, e 58% dos inquiridos do grupo da Geração Milénio e da Geração Z não sabiam que foram mortos seis milhões de Judeus durante o Holocausto.

A frequência de ouvir ou ver a declaração...

“O Holocausto é um mito que foi exagerado”

Foi 5% para “sempre”, foi 19% para “frequentemente” e 38% para “ocasionalmente”

De acordo com o inquérito realizado pela Agência de Direitos Fundamentais da UE sobre experiências e perceções de antissemitismo, dezembro de 2018

Na Europa, uma sondagem mostrou que:

**Um terço dos inquiridos europeus...
disse que sabia pouco ou nada sobre o Holocausto.**

**Quatro em cada 10 adultos austríacos...
disse que sabia “só um pouco”.**

**20% dos inquiridos franceses com idades compreendidas entre os 18 e os 34 anos e 12% dos austríacos nessa faixa etária...
disseram que nunca ouviram falar do Holocausto.**

De acordo com a sondagem da CNN – antissemitismo na Europa
(realizada pela ComRes) setembro de 2018

Um inquérito aplicado aos cidadãos franceses revelou que...

Uma sondagem aos cidadãos franceses na
Claims Conference Holocaust Awareness,
em novembro de 2019.

**Apenas 56% de entre os inquiridos
da Geração Milénio e da Geração Z
tinham conhecimento da prisão em
massa no Vel d'Hiv Roundup,
em 1942, contra 74% no total.**

**Apenas 2% dos inquiridos
sabiam do campo de
deportação de Drancy,
localizado num subúrbio
de Paris.**

Um inquérito *Infratest* aos alemães para a agência noticiosa Deutsche Welle
(novembro de 2019) sugeriu que...

O número daqueles que pensam que está na hora de esquecer o passado nazi está progressivamente a aumentar.

Enquanto 37% dos inquiridos em geral concordaram, 56% dos que têm
no máximo 8 a 10 anos de escolaridade quiseram “encerrar este capítulo”.
A pesquisa também indicou que 72% dos apoiantes do partido de direita-
populista Alternativa para a Alemanha concordaram que os alemães não
“devem passar tanto tempo a lidar com o período nazi.



Assegurar o financiamento sustentável

Financiamento sustentável para a formação: Manter-se na linha da frente

Os governos devem fornecer apoio financeiro sustentável e consistente às organizações focadas no Holocausto, para que estas possam criar, desenvolver e liderar programas de formação para os decisores políticos, o poder judicial, o Ministério Público, as forças de segurança, a imprensa, o clero e outros formadores de opinião. Os beneficiários desse apoio podem incluir instituições académicas, educacionais e outras com reconhecida experiência nas áreas do discurso de ódio, antissemitismo e questões relacionadas com o Holocausto, bem como aquelas que cooperam com a IHRA e organizações internacionais relevantes.

Financiamento consistente e fiável pode criar as condições para que estas instituições assegurem o tempo e os recursos humanos necessários para desenvolver programas de formação passíveis de adaptação a um desafio em constante evolução. A distorção é um alvo em movimento.

Seja ao nível do ensino secundário, nas universidades ou noutros ambientes de aprendizagem, a educação para o Holocausto não é uma panaceia por si só. A distorção continua a proliferar, particularmente em tempos de agitação social, política ou económica, e as teorias da conspiração – incluindo a distorção da história – têm um enorme poder de atração.

No entanto, é evidente que melhores abordagens educacionais – incluindo a literacia mediática e informativa – podem desempenhar um papel importante no controlo da distorção do Holocausto. Para esse fim, o financiamento deve ser seguro e incondicional.

Objetivos da formação

- Envolver-se e aprender com instituições acadêmicas especializadas no discurso de ódio, antissemitismo e nas questões relacionadas com o Holocausto;
- Assegurar que os candidatos à formação espelhem a diversidade da sociedade local, do público visitante e de qualquer audiência adicional;
- Desenvolver formas de melhorar o conhecimento e o pensamento crítico sobre o Holocausto com foco na distorção e na sua ligação ao antissemitismo;
- Ajudar os decisores políticos e outros a desenvolver a consciência histórica através do estudo de interpretações e da memória do Holocausto, bem como da participação em tradições nacionais e locais de comemoração e lembrança do Holocausto.



O que ensinar:

O ABC da Distorção

Os currículos sobre a distorção do Holocausto para audiências profissionais devem abranger muitos aspectos e serem acessíveis a uma variedade de participantes, incluindo, mas não se limitando às forças policiais, ao sistema judicial, aos funcionários públicos ou a outros grupos de decisores.

Os especialistas locais e internacionais devem, em conjunto, conceber programas de formação e/ou utilizar materiais existentes em discussões focadas na distorção do Holocausto, tendo em conta o contexto local, as prioridades e os grupos-alvo.

A educação para a distorção do Holocausto variará consoante os contextos nacionais, que influenciarão a escolha dos tópicos a explorar mais ou menos aprofundadamente. Os programas educativos devem refletir a diversidade das sociedades pluralistas. Embora os cursos possam ter características específicas para atender às necessidades de audiências particulares, pode também ser necessário antecipar, em cursos de formação prospetiva, os pontos de vista e as preocupações de um público mais vasto, bem como das comunidades locais. Na formação devem utilizar-se os dados mais recentes obtidos por via da investigação e da monitorização da distorção.

As questões aqui enumeradas representam um conjunto de objetivos e conteúdos essenciais de aprendizagem. As preocupações irão mudar com o tempo. Dadas estas importantes advertências, os programas de formação devem abordar as questões de porquê a distorção do Holocausto é uma ameaça, que formas assume e como se relaciona com outros fenómenos. Devem adotar uma abordagem multifacetada, abrangendo as tendências nos meios de comunicação social e nas comunidades *online*, a dinâmica da distorção do Holocausto, as normas locais e internacionais relevantes, bem como os regulamentos ou leis relativas à liberdade de expressão.

Questões-chave a abordar na formação

- Porque é relevante reconhecer e combater a distorção do Holocausto?
- Quais as principais formas que a distorção do Holocausto assume e como se manifestam?
- Qual é a diferença entre a negação do Holocausto e a sua distorção?
- O que são contextos internacionais, nacionais e locais?
- Como é que a distorção do Holocausto se relaciona com fenómenos como deturpações históricas em geral, antissemitismo, discurso de ódio/crimes de ódio ou liberdade de expressão?
- Se as histórias nacionais distorcem a memória ou a compreensão do Holocausto, qual é a responsabilidade do indivíduo no sentido de retificar este problema?
- Como prevenir e combater eficazmente a distorção do Holocausto na área de trabalho do grupo-alvo, respeitando simultaneamente a liberdade de expressão?

Os possíveis formatos vão desde discussões orientadas a *workshops* completos. Em certos contextos, um módulo sobre a distorção do Holocausto pode ser inserido num programa mais abrangente sobre discursos de ódio e liberdade de expressão, direitos humanos ou, mais especificamente, sobre assuntos relacionados com o antissemitismo ou o Holocausto.

Noutros contextos em que o problema seja particularmente grave, poderá ser oferecido um *workshop* completo a um público-alvo, como por exemplo funcionários do sistema judicial ou os meios de comunicação social, respeitando os padrões internacionais para a liberdade de expressão e contrariando, em simultâneo, a negação de atrocidades.

Tópicos-chave para *workshops*

Literacia histórica

Incluindo conhecimentos históricos básicos sobre o Holocausto, noções de como tem sido recordado e investigado, e uma compreensão dos desafios persistentes nestes campos.

Formas de distorção do Holocausto

Incluindo a identificação da distorção do Holocausto, estratégias retóricas, motivos políticos e ideológicos interligados e a sua relação com o discurso de ódio, e os danos que isto causa em indivíduos, comunidades e sociedades como um todo.

Literacia para os meios de comunicação e informação

Incluindo a demonstração e a identificação de tendências de distorção do Holocausto nos meios de comunicação tradicionais e *online*, bem como as competências de pensamento crítico necessárias para o reconhecer e o contrariar.

Normas e leis

Incluindo regulamentos locais, regionais e nacionais sobre discursos de ódio, negação e distorção do Holocausto; como estes mecanismos funcionam; se protegem e promovem a liberdade de expressão de acordo com as normas internacionais; e quem é responsável pela aplicação destes regulamentos/leis.

Tópicos gerais

Incluindo intolerância e discriminação, educação para os direitos humanos, combate ao extremismo violento, temas relacionados com o Holocausto e o antissemitismo.



**Desenvolver competências
profissionais**

A quem chegar: Líderes de opinião e mentores

Os programas de formação ajudarão públicos diversos a reconhecer a seriedade do fenómeno e a desenvolver capacidades e competências para lidar eficazmente com ele.

Os programas de formação devem ser adaptados a públicos específicos de profissões e origens diversas, incluindo decisores políticos (funcionários de ministérios, autoridades locais; meios de comunicação; legisladores e oficiais de justiça; polícia; funcionários de redes sociais e empresas de pesquisa). A formação no reconhecimento e no combate à distorção do Holocausto pode dar origem a mudanças políticas adicionais, incluindo em áreas que influenciam a ensino em geral. Estes programas podem também influenciar a formação noutros âmbitos, como a dos responsáveis pelo desenvolvimento de currículos e de manuais escolares em universidades ou em escolas.

Programas personalizados podem ajudar...

Decisores políticos

- a reconhecer a seriedade do fenómeno;
- a identificar distorções e imprecisões quando o Holocausto é utilizado como um dispositivo retórico ao serviço das agendas sociais, políticas e ideológicas;
- a incorporar o tema da distorção do Holocausto nos planos de ação governamentais e intergovernamentais contra o antissemitismo e formas afins de preconceito.

Intervenientes no processo educativo

- a garantir que as políticas e os programas educativos reconhecem e abordam a distorção do Holocausto e a literacia mediática e informativa.

Forças policiais e oficiais de justiça

- a desenvolver competências para a implementação efetiva dos regulamentos e das leis existentes;
- a reconhecer as zonas cinzentas e os limites da distorção e da sua natureza principalmente não criminosa, para assegurar que os esforços para combater a distorção do Holocausto não infrinjam indevidamente o direito à liberdade de expressão.

Jornalistas, criadores de conteúdos multimédia e verificadores de factos

- a construir uma compreensão de como reconhecer, desmascarar e rejeitar a distorção do Holocausto publicamente.

Empresas tecnológicas

- a reconhecer a distorção do Holocausto nas suas plataformas e a implementar as melhores práticas para responder de forma transparente, em conformidade com as normas internacionais em matéria de direitos humanos.



Reforçar as Instituições que Trabalham o Holocausto:

Salvaguardar o Registo Histórico

Esta secção analisa os desafios que os memoriais, os lugares autênticos, os museus, os arquivos e outros locais que lidam com a História nacional ou local enfrentam quando confrontados com a distorção do Holocausto. Também a cooperação internacional pode ter um impacto positivo significativo.

Mais de 75 anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, as instituições que ensinam e celebram o Holocausto e as suas consequências são baluartes cada vez mais importantes contra a distorção. Documentos, fotografias, artefactos, acesso a lugares autênticos e testemunhos gravados de sobreviventes e de outras testemunhas são fundamentais para esta tarefa, especialmente à medida que avançamos para uma era sem testemunhas oculares entre nós.

Estas instituições são muitas vezes o maior ponto de contacto com o público (de grupos escolares a académicos, de turistas a visitantes individuais), pelo que criam oportunidades múltiplas e únicas para salvaguardar a memória do Holocausto e combater a sua distorção.

O desaparecimento da geração de sobreviventes do Holocausto exigirá que estas instituições mantenham viva a memória e a compreensão do Holocausto. No entanto, neste momento, estas instituições enfrentam uma multiplicidade de novos e singulares desafios. Em alguns países, por exemplo, extremistas e figuras de movimentos populistas de direita têm como alvo essas instituições; desafiam factos históricos e interrompem visitas guiadas. Algumas instituições existem dentro de sociedades e culturas que toleram distorções da História, que fazem malabarismo com memórias históricas concorrentes (como por exemplo, crimes soviéticos versus nazis), ou celebram como heróis aqueles que outros consideram criminosos de guerra; algumas enfrentam a perda de apoios financeiros públicos e sujeitam-se frequentemente à politização da História (inclusive em cerimónias comemorativas) para fins partidários e outros fins ideológicos.

Os profissionais em locais e instituições autênticos que abordam o tema do Holocausto – incluindo gestores e guias equipados com o apoio que permite exposições atualizadas e formação adequada –, serão mais capazes de responder ao vasto leque de desafios que surgem ao transmitir esta história a públicos diversos e em crescimento.

Os fundos governamentais para essas instituições devem ser assegurados. Este apoio deve ser incondicional, de acordo com a Carta *Internacional dos Museus Memoriais* da IHRA, segundo a qual “... Estados, governos e comunidades locais têm uma grande responsabilidade para com os Museus Memoriais e devem salvaguardar as suas coleções e assegurar-lhes o mais elevado grau de independência das diretivas políticas”; ou seja, as autoridades locais ou governamentais não devem pressionar as instituições a apresentar a história de modo a adequarem-se a perspectivas políticas ou ideológicas. É necessária uma maior cooperação entre governos e instituições para melhorar a programação para os visitantes; para preparar os profissionais para responder à distorção; e para garantir que as exposições não distorcem inadvertidamente a própria história. Como está contemplado na *Carta Internacional dos Museus Memoriais*, os Museus Memoriais, enquanto museus de História contemporânea, estão sempre empenhados em criticar a sua própria história.

Em conformidade com este compromisso, devem ser feitos esforços para evitar apresentar o Holocausto juntamente com crimes perpetrados por outros ocupantes que não os nazis e os seus cúmplices na mesma exposição, sejam eles temporários ou permanentes. Sempre que tal não seja atualmente possível, deve ter-se especial cuidado em evitar a representação do Holocausto como um acontecimento menor em comparação com outros crimes.

Recomenda-se que os decisores políticos:

1 Assegurem um apoio sustentável e incondicional

O apoio financeiro, material e técnico estável permite às instituições criar novas exposições, atualizar as existentes e combater a distorção, ao mesmo tempo que assegura a independência relativamente a pressões políticas.

2 Desenvolvam um enquadramento para as visitas

Incentivar os governos a desenvolverem um enquadramento sustentável para garantir que os currículos escolares incluam visitas de estudantes (presencialmente e *online*) a museus e a locais relacionados com o Holocausto, preparadas previamente e avaliadas a posteriori.

3 Apoiem o desenvolvimento profissional dos funcionários

Assegurar que as instituições do Holocausto financiadas pelo governo apoiam o desenvolvimento profissional e garantam que as exposições não descaracterizam involuntariamente aspetos desta história. O pessoal deve estar preparado para se dirigir a públicos diversos.

4 Reforcem a cooperação e o intercâmbio internacionais

Envolvendo-se com os principais organismos de supervisão (por exemplo, UNESCO e/ou ministérios nacionais da cultura) grandes organizações profissionais (por exemplo, ICOM) e redes internacionais de instituições que abordam o tema do Holocausto, como a IHRA, para que possam apoiar os esforços para combater a distorção do Holocausto em concertação com especialistas da IHRA (incluindo a possibilidade de conceber exposições especiais sobre este tema).



Assegurar o Financiamento Sustentável

Assegurar apoio sustentável: Apoiar as instituições que defendem a História

As instituições que abordam o tema do Holocausto – tais como museus, memoriais, lugares autênticos e outros que desempenham um papel ativo na educação sobre este tema – precisam de fundos adicionais para combater a crescente ignorância sobre esta história e para responder a um aumento das teorias da conspiração antissemitas ligadas a acontecimentos atuais (atualmente relacionadas com a origem e propagação do Coronavírus).

Os governos devem fornecer financiamento e apoio regulares e estáveis (incluindo assistência moral, material e técnica) a essas instituições. Os Estados ou os governos locais devem reforçar iniciativas específicas destinadas a combater a distorção; consultar peritos internacionais para verificação dos factos na sua própria narrativa histórica sobre o Holocausto; e devem comprometer-se a defender publicamente as instituições sob ataque dos que distorcem intencionalmente. Tal como se observa na Carta Internacional para Museus Memoriais da IHRA, é importante que o apoio seja incondicional.

Este apoio pode garantir que as exposições, as publicações e as oportunidades educativas sejam dinâmicas e cheguem a um vasto leque de públicos. Além disso, os governos devem assegurar que as instituições que abordam o Holocausto tenham facilidade de acesso e um baixo encargo financeiro quando utilizam materiais (documentários, filmes, fotografias, etc.) detidos por arquivos patrocinados pelo governo ou geridos pelo Estado.

As instituições precisam de financiamento sustentado para...

- Desenvolvimento profissional e formação contínua para os funcionários, com foco no reconhecimento e resposta à distorção;
- Investigação sobre distorção;
- Curadoria de exposições que ajudam à consciencialização;
- Garantia de visitas escolares, com adequada preparação e avaliação a *posteriori*;
- Desenvolvimento de um sistema precoce de alerta para tendências emergentes de distorção intencional;
- Manutenção de uma presença *online* vigilante e monitorização dos dados recolhidos.



Encontrar estruturas para visitas de grupo e programas de encontros: Preparação e reunião de informação

Os responsáveis políticos devem incentivar os governos a criar um quadro sustentável para assegurar que os currículos escolares incluam visitas a um lugar autêntico, a um memorial ou a um museu destinadas a alunos de idade adequada, com preparação prévia e reunião de balanço *a posteriori*. Os participantes devem aprender a reconhecer as formas de distorção do Holocausto. As visitas educativas devem ser o resultado da cooperação entre a instituição relacionada com o Holocausto e a autoridade educativa.

Por chegarem a públicos diversificados, os memoriais do Holocausto, os museus e os lugares autênticos têm-se dedicado a apresentar a história de forma clara e direta. Isto exige que assegurem que as visitas de grupos educativos tenham uma preparação e um acompanhamento adequados, tanto presencialmente como em fóruns *online* para envolvimento de todos.

Para assegurar a inclusão do tema da distorção, as instituições que abordam o Holocausto poderiam – conforme as suas capacidades – trabalhar, em conjunto com as autoridades educativas, os factos, o contexto histórico e as narrativas acessíveis a grupos de visitantes. O financiamento deveria ser reservado para esta finalidade.



Desenvolvimento profissional: Capacitação de guias

Os guias deparam-se regularmente com a distorção do Holocausto. Devem ter oportunidades de atualizar os seus conhecimentos sobre a história do Holocausto e as suas capacidades de resposta à distorção. Precisam também do apoio dos governos e dos decisores políticos para o seu trabalho, o que pode levar a uma maior consciencialização e, em última análise, a que os indivíduos ou os governos compreendam como identificar, e quando é apropriado responder a atos de distorção do Holocausto.

As instituições com competência para abordar o tema do Holocausto chegam a muitos públicos. Podem aconselhar ou envolver-se na formação de decisores políticos e serem parceiros-chave no combate à distorção do Holocausto. Uma cooperação mais forte com as autoridades educativas irá melhorar a formação e a aprendizagem nestas instituições, assegurando ao mesmo tempo que estas e os seus financiadores governamentais não descaracterizem (intencional ou involuntariamente) aspetos da história do Holocausto.

Os decisores políticos devem fornecer apoios e enquadramento para a capacitação dos guias de museus; para que estes compreendam a história do Holocausto e para que reconheçam/respondam a formas de distorção.

Deverão ser envidados esforços para contratar funcionários cuja origem esteja em sintonia com o espírito das instituições e o respetivo público. Fazê-lo pode potenciar as respostas à distorção e encorajar uma maior variedade de visitantes.



Fortalecer a cooperação internacional: A distorção não conhece fronteiras

A cooperação internacional entre instituições que abordam o tema do Holocausto pode impulsionar os esforços para combater a distorção através da partilha de boas práticas em resposta a:

- **percepções erradas do público sobre o Holocausto;**
- **pressão para se conformar com narrativas politicamente aceitáveis, mas historicamente imprecisas;**
- **distorção que surge em tempos de instabilidade política ou social.**

Os decisores políticos devem colaborar com instituições relevantes e redes internacionais que abordam o Holocausto, o antissemitismo e o discurso de ódio, para que possam apoiar os esforços para combater a distorção através da cooperação das várias partes interessadas, em conjunto com os peritos da IHRA. Os resultados dessa cooperação poderiam levar ao desenvolvimento de apresentações centradas no tema, a um maior diálogo sobre os desafios colocados pela distorção na saúde dessas instituições e a novas abordagens para combater a distorção da História e de outras formas de desinformação.

IV



Reconhecer e Responder à Distorção *Online*

—

Os meios de comunicação *online* têm o potencial de aumentar a consciência sobre o Holocausto e, ao mesmo tempo, têm o potencial de serem um dos principais canais da distorção do Holocausto e de outra desinformação.

A distorção do Holocausto é um problema significativo nas redes sociais. Os comentários e as campanhas distorcidas têm um impacto prejudicial sobre os indivíduos e as instituições que abordam o tema do Holocausto. Várias iniciativas da sociedade civil têm-se centrado na responsabilização das empresas de redes sociais pelos conteúdos que aparecem nas suas plataformas. Estes são esforços importantes e necessários. Além disso, os decisores políticos e as instituições centradas no Holocausto devem tornar-se mais conscientes dos desafios inerentes à distorção *online* e trabalhar em conjunto para a combater.

Em certa medida, aspetos da distorção do Holocausto nas redes sociais assemelham-se ao fenómeno noutras áreas: tanto *online* como *offline*, palavras ou temas associados ao Holocausto estão sujeitos a deturpação, interpretação imprecisa ou abusiva, e a compreensão do Holocausto é influenciada por uma série de fatores culturais e regionais, no entanto, o espaço *online* tem os seus próprios desafios.

Cada plataforma *online* tem características particulares – incluindo a base de utilizadores, termos de serviço e regras da comunidade, e design tecnológico – que afetam o teor e o alcance dos conteúdos que distorcem a história do Holocausto. As redes sociais também permitem que esses conteúdos cheguem a mais públicos quando comparados com os meios de comunicação tradicionais. Alguns destes públicos têm um preconceito enraizado em relação a conteúdos relacionados com o Holocausto, enquanto outros podem não compreender de todo a sua relevância e importância. É importante ressaltar que muitos destes indivíduos utilizam as redes sociais para difundir as suas interpretações incorretas do Holocausto, de forma a atraírem novas audiências e, assim, reproduzir a distorção deste assunto tão importante.

Desafios da distorção online

- Algumas plataformas são propícias à propagação de falsidades;
- Palavras-chave atraem cliques: Auschwitz, Holocausto, etc.;
- Os moderadores devem fazer a distinção entre distorção intencional e distorção resultante da ignorância para responderem adequadamente;
- A resposta a alguns dos que distorcem apenas os encoraja;
- Alguns indivíduos utilizam deliberadamente conteúdos de forma inadequada, incluindo conteúdos de organizações respeitadas, como museus do Holocausto e memoriais;
- A distorção *online* pode ser fomentada por eventos contemporâneos.

Há muitas respostas possíveis. Em primeiro lugar, e acima de tudo, é necessário que as empresas de comunicação social, de pesquisa e de criação partilhada de conteúdos monitorizem e, quando necessário, tomem medidas, relativamente a uma grande variedade de manifestações de discurso de ódio e de outros conteúdos que possam causar danos, incluindo a negação do Holocausto e distorções perigosas. As ações podem incluir a promoção de conteúdos verdadeiros e fiáveis; a adição de rótulos de verificação de factos; a desvalorização, a colocação de etiquetas de advertência ou a remoção de conteúdos nocivos; a desativação de receitas publicitárias; e/ou de contas de utilizadores que produzam e difundam tais conteúdos, incluindo através de um comportamento não autêntico e relativo a falsos conteúdos. Todas as medidas tomadas pelas empresas devem respeitar as normas internacionais em matéria de direitos humanos, incluindo o direito à liberdade de expressão e à privacidade, e proporcionar a transparência e a possibilidade de recurso.

Os governos devem assegurar que as instituições relacionadas com o Holocausto tenham a capacidade de desenvolver material destinado a ensinar as audiências *online* a reconhecer distorções. Além disso, estas instituições devem trabalhar com os decisores políticos e as empresas de redes sociais no sentido de ajudar à compreensão do porquê de a distorção do Holocausto ser uma ameaça, bem como a reconhecer os padrões, as tendências e as formas que pode assumir. As empresas responsáveis pelas redes sociais e as instituições centradas no Holocausto devem trabalhar em parceria na tentativa de combater a distorção. Fazê-lo não só conduzirá a abordagens pró-ativas, como também permitirá que todos se comprometam com o desenvolvimento de boas soluções.

As estratégias devem incluir a disponibilização de recursos de verificação de factos para o público *online*; orientar a tomada de decisão sobre quando responder, ocultar, bloquear ou ignorar comentários nas redes sociais ou nos eventos *online* das instituições; envolver as comunidades digitais em respostas conjuntas; e incentivar as plataformas das redes sociais a identificar e a abordar formas de distorção. É também necessário que essas instituições disponibilizem ao seu público informação relacionada com a literacia para os meios de comunicação social e informação e a identificação da desinformação, incluindo a distorção. As instituições focadas no Holocausto também podem trabalhar com as plataformas das redes sociais para identificar padrões e tendências que indiquem os interesses ou a necessidade de informação de determinados públicos; desenvolver materiais colaborativamente para ajudar a combater formas perniciosas de distorção do Holocausto; ou definir normas para a constituição de organismos de monitorização das redes sociais, incluindo empresas de internet, governos e organizações da sociedade civil. A cooperação permitirá igualmente às empresas das redes sociais e às instituições relacionadas com o Holocausto identificar estratégias que funcionam, bem como a melhor forma de comunicar com o público passível de fazer uma leitura errada do Holocausto e/ou de se envolver em discursos de ódio.

Recomenda-se que os decisores políticos apoiem:

1 A cooperação entre instituições centradas no Holocausto e as empresas responsáveis pelas redes sociais

As empresas responsáveis pelas redes sociais têm os dados necessários para compreender a existência, a disseminação e o impacto da distorção do Holocausto nas suas plataformas, o que é essencial para compreender o fenómeno e encontrar formas de reagir. A fim de combater mais eficazmente a distorção do Holocausto *online*, as empresas de redes sociais devem cooperar com instituições focadas no Holocausto e outras organizações com competências e conhecimentos nesta área. Esta cooperação é um primeiro passo fundamental.

2 As contas nas redes sociais de instituições centradas no Holocausto

No rápido mundo das redes sociais, os memoriais, os museus e as outras instituições que trabalham nos domínios da educação e da comemoração do Holocausto necessitam de apoio sustentável e consistente para o desenvolvimento de ferramentas pró-ativas e recursos educativos acessíveis, com a proteção necessária contra ataques cujo intuito seja promover a distorção.

3 A cooperação com organizações de monitorização

As organizações que monitorizam a distorção *online*, a desinformação e o discurso de ódio, bem como as instituições que enfrentam desafios com origem nos detratores do Holocausto, devem ser encorajadas a partilhar dados e boas práticas, a fim de melhor compreender a dimensão do problema e a sua procedência.



Recursos Adicionais

Os Países-Membros da IHRA têm desenvolvido materiais importantes sobre temáticas ligadas à formação e à aprendizagem sobre a distorção do Holocausto que podem ser utilizados na sensibilização para este assunto, bem como em programas de capacitação. Além disso, certos Parceiros Internacionais Permanentes da IHRA disponibilizam algumas orientações que podem complementar programas de formação sobre distorção.

Por favor, note que esta lista não é exaustiva. Para obter uma lista mais completa dos recursos disponíveis, consulte as páginas da IHRA por país, em <https://holocaustremembrance.com/who-we-are/member-countries>, bem como a listagem das organizações relacionadas com o Holocausto que consta da IHRA em <https://holocaustremembrance.com/resources/overview-holocaust-related-organizations>

IHRA Recomendações para o Ensino e Aprendizagem sobre o Holocausto

<https://holocaustremembrance.com/for-education-professionals>

OSCE-ODIHR/ UNESCO Addressing Anti-Semitism Through Education: Guidelines for Policymakers

https://www.osce.org/files/f/documents/8/0/383089_0.pdf

OSCE-ODIHR Addressing Anti-Semitism Through Education: Teaching Aids

<https://www.osce.org/odihr/441146?page=1>.

UNESCO Education about the Holocaust and Preventing Genocide. Guidelines for Policymakers

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000248071>

UNESCO Recommendation concerning the Protection and Promotion of Museums and Collections

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000246331>

UNESCO Recommendation Concerning the Preservation of, and Access to, Documentary Heritage Including in Digital Form

<https://www.unesco.org/en/legal-affairs/recommendation-concerning-preservation-and-access-documentary-heritage-including-digital-form?hub=66535>

UNESCO Countering Online Hate Speech

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000233231>

Recursos para Verificação de Factos:

Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, Washington, DC

<https://www.ushmm.org/learn>

Yad Vashem, Centro Mundial de Memória do Holocausto, Jerusalém, Israel

<https://www.yadvashem.org/holocaust/about.html>

**Memorial e Museu de Auschwitz no antigo campo alemão
de concentração e extermínio nazi**

<http://auschwitz.org/en/history/>

Cartas e Definições de Trabalho da IHRA

Declaração de Estocolmo

<https://holocaustremembrance.com/resources/stockholm-declaration>

2020 Declaração Ministerial da IHRA

<https://holocaustremembrance.com/resources/2020-ihra-ministerial-declaration>

Definição de trabalho de Negação e Distorção do Holocausto

<https://holocaustremembrance.com/resources/working-definition-holocaust-denial-distortion>

A definição prática de antissemitismo da IHRA

<https://holocaustremembrance.com/resources/working-definition-antisemitism>

Definição de trabalho de anti-ciganismo/ discriminação anti-Roma

<https://holocaustremembrance.com/resources/working-definition-antigypsyism-anti-roma-discrimination>

Carta Internacional dos Museus Memoriais

<https://holocaustremembrance.com/resources/international-memorial-museums-charter>



INTERNATIONAL
**HOLOCAUST
REMEMBRANCE**
ALLIANCE



United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization

In partnership with
UNESCO